

AUTISMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Carlos Eduardo Novais Meireles¹, Lilian Rosa², Geovana Mellisa Castrezana Anacleto³,
Leovaldo da Silva Alcântara⁴

1. Estudante do curso de Psicologia, e-mail: cenmeireles@metrosp.com.br
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: rosalian@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail:
geovana_castrezana@hotmail.com
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: leovaldoalcantara@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia

Palavras chave: Autismo, psicologia, revisão.

INTRODUÇÃO

O termo autista foi disseminado em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que descreveu o autismo como uma fuga da realidade para um mundo interior, partindo de observações feitas em pacientes esquizofrênicos (Fundação José Luiz Egydio Setúbal, 2020). Posteriormente, em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner, ao analisar o quadro clínico de onze crianças com patologia grave, concluiu que estas apresentavam características como: a dificuldade de sociabilização, comportamentos obsessivos, estereotípias e ecolalia, no entanto, este quadro, ao qual ele denominou como “distúrbio autístico do contato afetivo” se diferenciava da esquizofrenia (ideia defendida por Bleuler). Anos depois, Kanner criou a hipótese de “mãe-geladeira”, atribuindo a distância emocional dos pais como causa do distúrbio. (Fundação José Luiz Egydio Setúbal, 2020). Outro pesquisador pioneiro em pesquisas sobre o autismo é Hans Asperger que em 1944 passou a estudar 200 famílias de pais de autistas, ele as acompanhou pelo período de dez anos, e ainda que toda a pesquisa foi perdida durante a guerra, ele concluiu que a causa do autismo era possivelmente genética, pelo fato de ter encontrado traços incomuns nos pais ou em alguns parentes das crianças (FADDA e CURY, 2016). Apesar de ter sido descrita por Asperger em 1944, fora somente em 1994 que a Síndrome de Asperger passou a fazer parte das nomenclaturas do DSM-IV com critérios para diagnósticos (MELLO, 2007). Segundo o DSM-V (2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que possui como critérios diagnósticos déficits persistentes na comunicação social e na interação social em contextos diversos, padrões de comportamento restritos e repetitivos, suas características diagnósticas essenciais possuem três níveis de gravidade e suas respectivas exigências de apoio são: nível 3 - que requer apoio muito substancial, nível 2 - que requer apoio substancial e nível 1- que requer apoio. Atualmente, o autismo é tema de grande relevância e é amplamente discutido, talvez devido ao aumento na sua prevalência que atualmente é de 1 criança com autismo para cada 54 crianças com até 8 anos, na pesquisa realizada em 11 estados nos EUA, de acordo com dados estatísticos do Centro de Controle de Doença e Prevenção do Governo dos EUA (CDC, 2020).

METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão Integrativa (RI) da Literatura, em que os materiais foram extraídos na base de dados Periódico CAPES, dentre os anos de 2014 a 2018, usando os descritores “autismo” e “psicologia”. A natureza da pesquisa é qualitativa tem como característica compreender os fenômenos de natureza mais subjetivo. Foi realizada uma

busca na base de dados Periódico CAPES, utilizando os descritores “autismo” e “psicologia”, no período de 2014 a 2018. Foram encontrados 166 artigos, obedecendo os critérios de inclusão: artigos publicados na língua portuguesa; artigos publicados entre 2014 e 2018; estudos relacionados à psicologia (estudo teórico, relato de pesquisa e relato de experiência profissional). Foram retirados 71 artigos, seguindo os seguintes critérios de exclusão: artigos que não contemple o autismo como objeto de estudo (5); artigos não produzidos no Brasil (14); artigos duplicados (3); arquivos indisponíveis (47); não é um artigo (2). Todos os artigos foram lidos e estão sendo categorizados através de tabelas e gráficos.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Os dados sugerem que, as produções na área foram caindo gradualmente, desde o ano de 2015, que foi o ano com maior produção, somando neste ano, 29 produções. Gradativamente, as produções foram diminuindo nos anos seguintes, chegando a ter somente 3 produções no ano de 2018. Desse modo evidencia-se um menor interesse do campo científico pelo assunto, o que pode estar diretamente ligado ao aumento de demanda prática nessa área. Pois, muitas vezes o profissional psicólogo se dedica mais a atuação prática, e produzindo menos em consequência disso, pois se ocupa apenas do fazer clínico. A pesquisa revelou que 80% dos pesquisadores são do sexo feminino e 20% do sexo masculino, sendo 186 mulheres e 46 homens. Esta prevalência do sexo feminino nas publicações, provavelmente se deve ao fato de que, grande parte das profissões, descritas na tabela 1, são desempenhadas por mulheres, como por exemplo a Psicologia, que segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP), 85% dos profissionais em Psicologia são do sexo feminino, o que justifica o resultado do gráfico. Verificou-se que 168 (72,4%) das profissões dos pesquisadores são de Psicólogo, seguido de 20 (8,6%) fonoaudiólogos, 12 (5,2%), 11 (4,7%) professores, 6 (2,59%) Pedagogos, 2 (0,9%) Cientistas; 2 (0,9%), 2 (0,9%) historiadores, as demais com apenas 1 (0,4%) de cada profissão: Químico, Biomédico, Letras Anglo Germânicas, Neurocientista, Nutricionista, Engenheiro de produção, Serviço Social, Sociólogo e Tradutor. Dentro dos resultados obtidos com a pesquisa, a profissão de psicólogo apresenta uma porcentagem bem maior que as demais profissões, isso devido ao critério de inclusão, ao qual foi filtrada apenas artigos em que os estudos tivessem alguma relação com à psicologia. A maioria dos artigos não utilizaram práticas interventivas, sendo que das 95 pesquisas analisadas; apenas 15 aplicaram algum tipo de intervenção, e destas, 9 foram com intervenções dentro do campo da Psicologia Comportamental; 3 no campo da Psicanálise e 3 artigos com outras linhas teóricas. A Psicologia Comportamental, aparece dentre as pesquisas que foram possíveis identificar o referencial teórico, como a segunda mais utilizada. As pesquisas demonstraram que a maior parte dos pesquisadores têm preferência de embasar suas pesquisas em outros referenciais teóricos, como a psicanálise que obteve uma porcentagem quase três vezes maior que a Psicologia Comportamental. Apenas 11 pesquisas foram feitas no campo da Psicologia Comportamental, entretanto, 9 destas foram aplicadas, e apenas em uma das 9 não ocorreu nenhum tipo de intervenção. Sabe-se que para produzir pesquisas aplicadas, demanda mais tempo, esforço e aumento no orçamento para sua produção. Em ordem decrescente, somando os tipos de pesquisa aplicada e teórica, os temas abordados foram: “A família do autista” com 13,68%; “Autismo e educação” e “Treino de habilidades” obtiveram a mesma porcentagem de 12,63%; “Característica de um indivíduo com TEA” com 8,42%; “Aplicação de teste” e “Autismo e Linguagem” obtiveram a mesma porcentagem de 7,37%; “Métodos terapêuticos” com 5,26%; “Conceito sobre autismo” com 4,21%; “Acompanhamento Terapêutico”, “Efeitos terapêuticos da escrita” e “Profissionais com especialização em TEA” obtiveram a mesma porcentagem de 3,16%; “Sinais de autismo na infância”, “Conhecimento dos estudantes sobre TEA”, “Habilidades sociais na infância” e “O brincar de uma criança com TEA” obtiveram a porcentagem de 2,11% e pesquisas classificadas como “Outros” (temas específicos com apenas 1 artigo) obtiveram a porcentagem de 10,53%.

CONCLUSÕES

De acordo com os resultados obtidos com a revisão, pesquisas feitas sob a ótica das teorias psicanalíticas são mais comumente usadas do que as teorias comportamentais, isso devido ao maior rigor técnico para as produções na área da Psicologia Comportamental. Outro fator a destacar é o tipo de pesquisa utilizadas pelos pesquisadores, sendo que pesquisas teóricas tendem a ser mais utilizadas por autores que usaram referenciais teóricos psicanalíticos, enquanto os autores que fizeram uso da teoria comportamental tenderam a fazer pesquisas aplicadas, isso ocorre por que os pesquisadores se utilizam de ferramentas como testes e instrumentos avaliativos para analisar as variáveis que se apresentam. Tal resultado sinaliza a necessidade de se realizar mais pesquisas sobre a temática, visto que, esse é um assunto que cada vez mais ganha destaque por se tratar de um problema ainda em exploração. Destaca-se ainda, uma escassez de produções científicas aplicadas, o que evidencia a necessidade de se produzir mais sobre esse assunto com estudos aplicados, pois, esses trariam uma maior sustentação para a atuação prática de terapeutas que trabalham com essa demanda, principalmente os analistas do comportamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - **CFP**, 2020. Infográfico. Disponível em: <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>> Acessado em 15 ago. 2020.

FADDA, G. M.; CURY, V. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, vol. 21, núm. 3, pg. 411 – 423, jul – set. 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287148579006>>. Acessado em 26 mar. 2019.

FUNDAÇÃO JOSÉ LUIZ EGYDIO SETÚBAL. **AUTISMO e REALIDADE**. São Paulo, 2020. Disponível em <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>>. Acessado em 22 de jun. 2020.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007. Disponível em: <<https://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/Cartilha8aedio.pdf>>. Acessado em 22 jun. 2020.